MARIA SILVANA RAMÓS

A CANÇÃO DO VALE

ÍNDICE

LIVRO I 4

LIVRO II 96

LIVRO III 163

"Senhor, no meu caminho de vida
Tenho cumprido como esforço todo o necessário
para esse grande encontro!
Ajudai-me Senhor, sempre,
para que mais rapidamente eu possa encontrá-la!
E possa partilhar com ela e todo o
universo a grandeza desse amor!"

Oração para encontrar a alma gêmea.

"Um sonho só se realiza quando se tem fogo na alma e fome no coração"

Trecho de uma música

LIVRO I

ANA

Estamos separados no tempo e no espaço e o tempo deve ser preenchido e o espaço ocupado"
(Pearl S. Buck)

CAPÍTULO I

A VIAJANTE

"Não és tu a luz do meu fogo? Não és tu a alma irmã da minha inteligência?
... E quando eu caminhava só, de que tinha a minha alma fome durante as noites e nos caminhos do erro? E quando eu escalava montes, a quem procurava nos píncaros, senão a ti
E todas as minhas viagens e todas as minhas ascensões não passavam de um expediente e recurso de inércia. O que a minha vontade toda quer é voar, voar para ti! "
(Assim falava Zaratustra - Nietzche)

O apito do trem na noite insinuava-se no ar frio como um lamento às trevas, que envolviam em sombras as paisagens noturnas que desfilavam quais espectros ao longo dos trilhos por onde a máquina fumacenta avançava. Vez por outra uma luzinha mortiça piscava em meio a não se sabe o quê, vale, morro ou

floresta. A cadência monótona das rodas nos ferros dos trilhos provocava uma sonolência irresistível. Mas ela enfiava a carinha magra na janelinha, tentando divisar o que quer que fosse naquele negrume virgem, invisitado, desconhecido...

Nomes estranhos como Santo Antônio do Monte, Lagoa da Prata, Bambuí, Campos Altos, Araxá, Zelândia, Uberaba, eram música para seus ouvidos, pérolas encontradas, ou mesmo apenas avistadas em sua primeira longa peregrinação, aos oito anos, esvaindo-se em belezas depois, ao alvorecer do dia e nas horas iluminadas do meio-dia. As impressões únicas daquela viagem impregnaram-se para sempre em sua mente e coração, o cheiro pungente de fragrâncias das Gerais, a profusão de cores, as nuances incomparáveis do verde numa terra praticamente ainda inexplorada!

Anos mais tarde no decorrer de suas viagens, a fim de desviar os pensamentos do trabalho, permitia-se o prazer de curtir as paisagens brasileiras e suas notáveis transformações ao longo das estações, que mesmo não muito definidas, deixavam sua característica temporária. Em janeiro, o verde claro limão da folhagem e cheiro das angélicas em flor invadiam os vales e os brejos, a brancura imaculada de suas flores explodia em cores que lembrava bordado salpicando o veludo verde do campo. Em alguns baixios, era como um véu de noiva arrastando-se e cobrindo o chão. O aroma era tão pungente que causava falta de ar, uma falta de ar cheia de prazer, adocicando as narinas e penetrando nos pulmões, levando o coração a palpitar apressadamente, como querendo haurir de um só fôlego a delícia daquele cheiro e aprisioná-lo em seu peito para que quando tudo o resto fedesse, machucando se pudesse desalojá-lo só pra se consolar.

Ainda nesse mês ela admirava o florescimento das quaresmeiras roxas, flores amarelas, lilases, alaranjadas, e os milhões de angélicas. Em Minas especialmente, tudo parecia forrado por um imenso tapete branco, qualquer pequeno regato, qualquer olho d'água era enfeitado por aquelas flores de perfume adocicado, que espargia pelos vales, morros e casas. Era muito

bonito de se ver, e seu coração se enchia de prazer e fechava os olhos enfiando o nariz para fora da janela a fim de deliciar-se.

Mas era início de agosto e as montanhas e campos estavam meio ressequidos, parecendo que tudo esturricava ao sol, para renascer como num milagre após qualquer chuva, quando a vegetação agradecida se tornaria viçosa novamente.

E era a 500ª cidade de sua lista de visitas no decorrer da vida. Ela já perdera seu referencial, e tornara difícil saber se estava indo ou vindo, e de onde para onde... Bastava-lhe saber que precisava viajar que já apanhava os apetrechos e partia como se fosse apenas até a esquina. No entanto, precavidamente abarrotava a bolsa, mala e *necessaire* com escova, material de manicure, cadernos, livros, etc... "E se..."- pensava - e se, o quê? Nem ela mesma sabia. Parecia-lhe viver em eterna apreensão... Do quê?

A mente se esvaziava ao entrar e se acomodar num ônibus. Os olhos ardiam logo e abandonava-se então aos seus sonhos, entregando-se a eles, como se pudesse assim esquecer a monotonia... Olhava os motoristas de ônibus, por vezes homens tão pequenos e mirrados dirigindo aqueles veículos tão gigantescos... Intimamente orava por eles, pois achava tão triste dirigir à noite, vencer o sono na solidão de estradas e trevas... Possuía uma extrema e inesgotável curiosidade por rodoviárias. Uma rodoviária regurgita de vida, muito embora existam rodoviárias horríveis nesse país, mas ainda assim a vida ali se desenvolve em suas misteriosas nuances, e ela, em suas longas esperas ficava a observar, como num microscópio os estranhos seres que são os humanos em suas atividades... Olhava os gatos pingados da madrugada, seus rostos mortiços. Sentia-se em casa em qualquer rodoviária do mundo, conhecia os bancos desconfortáveis, os escarros nos cantos das salas de espera - ou barracões, o cheiro de urina, os bêbados sempre iguais, as mulheres com filhos remelentos nos colos, e os bares; com os mesmos sacos de biscoitos de polvilho cheio de moscas pendurados, até mesmo o copo onde se toma Coca-Cola tinham um gosto parecido. E ainda a um canto, com um livro na mão, um *band-aid* no calcanhar e uma cara de tonta, as viajantes como

ela... Pareciam todas iguais; com olhos febris de solteironas que ainda guardam e alimentam sonhos como se ainda houvesse toda uma vida para realizá-los, com um sorriso de sabedoria inútil conquistada a duras penas, à custa de muitas horas de solidão em camas estreitas e frias!

Enquanto esperava as partidas, costumava ficar observando as pessoas inconscientes de seu olhar avaliador... Ria-se consigo mesma ao perceber que elas possuíam gestos tão engraçados, expressões faciais tão cômicas e comoventes! Era como invadir-lhes a privacidade, vendo seus tiques, seus gestos distraídos, suas caretas para si mesmas... A vida lhe oferecia valiosas oportunidades para analisar os seres humanos... Recorda-se de uma ocasião em que viajara resfriada, e numa baldeação numa manhã gelada, notara que descuidadamente calçara sandálias, e seus pés mostravam uma doentia cor azul. Então entre enxugar os olhos e nariz, soltar a fumaça do cigarro e tossir observara o estranho embrulho na cadeira da frente, para descobrir divertida que não passava de um hippie, embora só lhe visse o tênis preto, a meia branca e a calça jeans. O resto era apenas um lençol encardido que outrora fora branco, em movimento, onde o homem se escondia. Estava sentado, tendo ao lado sua mochila com pulseiras trabalhadas em linha colorida. Divertira-se em vê-lo se mexer, tentando adivinhar se ele estaria observando-a também pela trama dos fios. Percebeu que gostaria de ter visto seu rosto...

Falava lá com seus botões, como se a um amigo.

- Ruim é viajar de carro. De carona, pior ainda, a gente é obrigada a conversar com o motorista, primeiro porque a gente se sente na obrigação de falar, a fim de que ele fique desperto e menos cansado, é como se ele sempre estivesse fazendo um favor, mesmo quando é um motorista de taxi, muito bem pago por sinal, como aqueles que eu tomava para ir de Piunhí a Formiga... Cobravam-me os olhos da cara e nem mesmo percebiam que eu estava no fim de minhas forças de cansaço e ansiedade de chegar logo! Gosto mesmo é de ônibus, confio ao motorista minha vida, e aqui fico, com meus sonhos, meu universo interior, que é melhor que essa realidade.

Ela respirou fundo, provocando um olhar surpreso do velho sentado no banco ao seu lado. Fechando os olhos pensou lá dentro, bem no íntimo.

- Ah! O cheiro das Minas Gerais!

Seu companheiro de viagem do momento era um típico mineiro, com seu chapéu de palha desfiado num lado, um pito de palha fumado pela metade, aparecendo do bolso da camisa, um bigodinho bem aparadinho, os cabelos meio grisalhos escapando do chapéu, e uns olhos doces e tranqüilos. Com o rabo dos olhos, ela observava suas mãos cheias de cortes, as unhas sujas de terra, apertando o bornal branco de saco como se ele contivesse toda sua fortuna, e talvez isso até fosse mesmo verdade. A camisa simples e barata, de manga comprida, dobrada até os cotovelos, era limpinha, o cinto segurava calças de tergal azul marinho que certamente eram largas para seu corpo magro. Nos pés, ela notou sapatos que com certeza estariam matando o homem de raiva. Sem se conter olhou-o no rosto. Ele também a observava curioso. Ela riu. Ele riu. E ela quase gargalhou, pois o dele era um sorriso tão amigável que ela quase o chamou de tio. Pois que o homem parecia-se com quase todos os seus tios. Sem graça voltou a olhar a paisagem. Estava muito quente, e não demoraria muito mais para chegarem à divisa de São Paulo e o clima começaria a mudar, esquentando mais ainda. Teimosamente ela jurava que bem na divisa já era capaz de sentir um leve cheiro de poluição. Mas ainda faltava um bom tempo, e ela estava viajando há mais de cinco horas.

Daí a uns minutos o homem ao seu lado levantou-se dando sinal na campainha para parar. Ele fez um gesto de adeus com a cabeça, que ela respondeu, apressando-se a olhar para ver onde ele desceria. Vislumbrou uma casinha lá longe, quase escondida pelo milharal baixo, à sombra de uma frondosa árvore de óleo. Suspirou. Uma estradinha estreita iniciando-se numa porteira seguia naquela direção, e como o homem descera, ela supôs que ele moraria lá. Quando o ônibus retomou para a rodovia, ela ainda ficou olhando, vendo-o marchar com seu passo rápido de homem da roça, ficando pequenino no meio do milharal verde escuro.

Olhou seu rosto no vidro da janela, mirando-o contente, pois o embaçamento natural e as nuances das paisagens faziam com que o visse sem as imperfeições que possuía. O vidro eliminava com seu reflexo, as rugas mais profundas, uma mancha ou outra, as pintas marrons, e seu rosto se suavizava, e então agradava-a imaginar que na verdade era assim! No entanto estava perfeitamente consciente de como realmente era. Uma mulher madura, de trinta e sete anos, pele mestiça de bugre e europeu, olhos grandes e nariz que provavelmente se pareceria a um pimentão dali a alguns anos, baixinha... Se fosse ao menos dez centímetros mais alta, com certeza seria bonita, embora fosse totalmente despojada de charme, elegância e sensualidade. Mas gostava de seus cabelos castanhos e de seu sorriso sempre aberto.

Cansada, olhou os pés calçados em uma sandália de tirinhas e viu que estavam bastante inchados, seus rins doíam um pouquinho pois o dia estivera bem quente e durante aquele tempo todo permanecendo sentada, costumava mesmo causar certo incômodo! Mas, não o suficiente para que perdesse o prazer de viajar.

- "...Opa..."

Vira-se rapidamente no banco, quase perdera uma paisagem bonita:

- "Ah, era um haras".

Não gostava de haras, fazendas com construções modernistas, com aquelas telhas amarelas e fachadas retas, janelas de vidros ou de metal, em gramados brilhantes, sem uma árvore! Qual o prazer de morar numa casa na roça, sem uma árvore sequer por perto? Algumas pessoas iam ao extremo mal gosto de pintar suas casas na roça de cor-de-rosa ou azul claro! Onde já se viu? Claro que gosto é como nariz, cada um tem um, mas assim, tão fora de propósito? Gosta mesmo é daquelas paisagens onde as fazendas entrevistas no arvoredo, possuem janelas azuis, pé direito alto, de espigão, com telhas arredondadas e pretas de tanto tomar chuva, sol e todas as outras intempéries da natureza, resquícios da herança colonialista, e com currais de madeira negra, porteiras sólidas, presas com

cravos de ferro, e se houvesse um riacho então... aí sim era um colírio para os olhos.

Todos que a conheciam estranhavam sua fascinação por viajar de ônibus, mas ela sentia prazer em acomodar-se, principalmente à noite, e ficar contemplando a lua dominando dos céus ou fitando as estrelas, reconhecendo as nebulosas e viajando por cosmos infinitos e planetas misteriosos. Gostava de viajar de trem às vezes porque então a paisagem era sempre contrária à que avistava do ônibus, no primeiro caso via a entrada das casas, os caminhos utilizados para chegar até elas, de trem não, de trem o que via eram as hortas, os varais com roupas mais parecendo bandeirinhas esvoaçando ao vento em quintais cheios de galinhas e cachorros. Eram as mulheres escolhendo feijão, picando verduras e legumes, eram as crianças de pés no chão de terra batida, correndo atrás de pipas, ou mocinhas debruçadas em tanques que paravam por um instantinho para acenar para o maquinista. A viagem de trem era muito mais romântica, pois trazia lembranças antigas, de um tempo em que o mundo era mais simples, sem tanta maldade e vaidade, de um tempo onde, até mesmo de dentro do vagão era capaz de se ouvir o radinho a pilha que o roceiro carregava enquanto parava numa cerca para ver o trem passar... Tempo sem walkman, máquina de lavar, tempo sem muros...

Ah, já viram uma estrada reta no meio de uma plantação de cana de açúcar no interior de São Paulo em setembro, por exemplo? Não? Ah, as paineiras cor de rosa se destacam bem no meio, e o efeito é o de um imenso bolo verde com enfeites rosa... É algo de dolente, infantil! E as manhãs nesse mesmo lugar, em julho? Uma névoa fina cobrindo os pendões da cana, iluminando o mundo de uma cor lilás fantasticamente bela... É como se o lendário Avalon envolto em suas brumas se instalasse temporariamente na insípida imensidão verde do maior estado industrializado do país.

Gostava de olhar as árvores, vivia comparando-as com as pessoas, ali uma toda esbelta e sem folhas, parecia com aquele funcionário de banco seu amigo, todo empertigado, aquela acolá, toda grandona e pesada, espalhando seus galhos pródigos para

todos os lados parecia-se com uma preta velha cozinheira, ou com sua sobrinha que era toda meiguice e gostosura... Mas ela inspirou fundo e olhando o azul do céu com nuvens longínquas, não se deixou enganar. Fungou como um cão. Não ouvira qualquer previsão do tempo, mas soube então que choveria. De alguma forma possuía essa capacidade de sentir o cheiro da chuva horas antes que ela desabasse, e a quilômetros de onde ela se achava. Não era sempre, só de uns meses para cá ela dera-se conta disso. Pressentia chuva em horas estranhas, o que fazia com que as pessoas a achassem meio doida, mas era um faro infalível. Cheirar e chover. Mas não tinha importância, porque, quando a chuva chegava, elas já haviam esquecido mesmo de sua previsão; do seu faro chuval.

Pisca, pisca de novo... é preciso sempre fazer isso, para se orientar, pois viaja tanto e tantas vezes, que se confunde:

- "Onde estou? Prá onde estou indo? Ou vindo?"

Lembra-se de quando viajava todo final de semana. O percurso era monótono e cansativo, mas ela gostava, e sempre tomava o ônibus de forma a viajar durante a noite, na vinda, para aproveitar o dia com a família, ou na volta, para trabalhar. Numa dessas vezes, chovia desde que saíra, e fazia um friozinho tão gostoso, que se enrolara em sua jaqueta de couro e dormira como um anjo. De repente, acordara sobressaltada, olhara o relógio e descobrira que já havia passado do horário de chegada. Ficara confusa, o coração - lembra-se bem - bateu muito rápido, pois, se houvesse dormido e não acordado onde precisava, com certeza iria parar no ponto final, a quatro horas dali, e teria que voltar no outro dia. Mas felizmente não, o ônibus havia tido uma avaria, foram parados na garagem da empresa e fora consertado, enquanto dormia. Havia mesmo um Anjo da Guarda a lhe prevenir, proteger e amparar, pois em tantos anos de viagens, nunca houvera um acidente sério, e nunca errara irremediavelmente o local de chegada... Bem, acontecera aquela vez quando Leo fora com ela, pro norte, e ela cansada e tensa, dormira a maior parte da viagem e desceram no meio do sertão maranhense, há 100 km de seu destino... Fora uma aventura estranha, aquela, passar a madrugada com uma prostituta e um

garimpeiro bêbados, e Leo, assustado em seus dezessete anos, mas excitado com as novidades! Nunca se esquecera do quanto dormira em plena Belém-Brasilia, enquanto o ônibus lutava para vencer as barreiras caídas e escorregava no lamaçal que em alguns trechos a estrada se tornara, e ela, qual uma boneca de pano balançava para lá e para cá! Em compensação, lembra-se também de uma ocasião onde acontecera um fato totalmente inexplicável.

Durante quase dois anos repetiu uma rota a cada quinze dias, até que num domingo, fim de férias, o ônibus ficara preso num engarrafamento por quase duas horas e quando chegara na rodoviária para fazer a baldeação, ônibus já havia saído. Sentira-se perdida, porque não podia dormir ali, tinha compromissos inadiáveis no dia seguinte... Não sabe explicar como aconteceu, mas o fato é que o fiscal da empresa dissera: "Olha, hoje e somente hoje, haverá um ônibus que parte agora e se a senhora quiser aproveitar, a passagem continua válida..." Nem é preciso dizer que ela aceitou aquilo como se fosse seu próprio Anjo da Guarda que tivesse colocado aquele veículo no seu caminho, naquela noite. Anos depois ainda ficara a pensar: "Como pode acontecer isso? Aquela linha nunca mais existiu, e só naquele dia foi real". Essa era uma das coisas misteriosas que ela guardava sem poder compreender, e que só lhe restava agradecer...

Suas viagens eram cheias de história, e os lugares onde trabalhava eram sempre alvo de grandes acontecimentos. Lembra-se de histórias que, se contadas a seus amigos, eles a taxariam de mentirosa, diriam que possuía a imaginação fértil, mas ela guardava-as em sua mente, como alguma coisa muito valiosa, que somente a ela interessava, pois afinal, quem iria se interessar se ela vira um braço boiando no Rio Tocantins? Ou se ela sentira e se emocionara com a brisa vergando os coqueiros naquela boate à beira rio, longe de tudo o que lhe era conhecido? E do seu almoço num bordel no lugar onde morreram os participantes da Revolta do Araguaia? Quem se interessaria pelos seus conhecimentos de história? E quem haveria de sentir a ternura de sentar-se num boteco de uma rua com esgoto a céu aberto, tomar um caldo de fubá com maniçoba e ovo cozido

gostosiíssimos, ao som de Waldik Soriano? Ou saberiam a imensa saudade e ternura que havia naqueles dias em que ia à noite munida de velas e lanternas jantar em Araguaína, porque normalmente ao voltar, haviam sido desligadas as luzes da cidade? E entenderiam a nostalgia, a saudade de casa que provocava, ouvir um violão no saguão do Transhotel à beira da Belém-Brasília? Ah, que ela conhecesse não existia ninguém que se importaria se ela contasse que as florestas de babaçu tinham o poder de transportar o espírito para outro país, longe de Rio, São Paulo... Minas!

De que adiantaria contar da amiga que teve, que levava os chinelos para o pai antes de dormir e ele transava com ela quando queria, e que isso era considerado natural por aquelas bandas do Maranhão? E os passeios nas manhãs de sábado pelas ruas empoeiradas e vermelhas de Araguaína, e a parada no cabeleireiro bicha que contava história de todas as "damas" da sociedade araguainense? E as manhãs caminhando pelo cemitério indígena, tão verde e fresco...

Ou mesmo que importava a seus amigos, se num mesmo dia presenciara um casamento, um nascimento e uma morte em meio a plantações de frutos dourados de cacau? E compreenderiam quando seus olhos brilhassem ao falar da incrível sensualidade de pantaneiros de olhos grandes e corpos perfeitos que encantam as brancas européias em lagoas cor de prata, à luz do luar, sob o brilho dos olhos de jacarés, ao som de xote? Que lhes interessava saber que existem lugares onde as pessoas têm valores que nem sequer são compreendidos pelos "sulistas"? Conseguiriam visualizar as belas mulheres morenas cor de cobre, de longos cabelos negros e olhos esverdeados, que falavam francês, e possuíam uma alma doadora, submissa a qualquer homem a quem amassem? Entenderiam a doçura e inocência de suas palavras e ações? E o que falar, o que exprimir sobre os amigos que conquistara e que a conquistaram em Campos? Noites de dança e música na praia do Farol de São Tomé, casquinha de siri no barzinho do Humberto em Atafona, que todo ano recuava de sua localização na praia por causa da ressaca do mar... Nem era bom contar... - "Existem coisas que

não adianta a gente contar, não saberia mesmo exprimir, pois ao serem contadas, perdem a magia, o encanto, a veracidade e dramaticidade...", dizia consigo mesma.

Muitas vezes considerava tapadas algumas das pessoas que conhecia, pois por conhecerem shopping, microcomputadores, assistirem a todas as novidades da tecnologia, da moda em Paris na Rede Globo, Internet e TV a Cabo, achavam que "estavam por dentro do mundo". Isso fazia com que tivesse pena delas, o que não lhe dava o direito de abanar a cabeça, quando elas assim o demonstrassem. Sabia que era muito pobre materialmente, muito mal amada e muito ignorante, mas tinha o coração cheio... Considerava qualquer estrada sua amiga, qualquer pessoa um irmão e a solidão era sua companheira mais constante e fiel.

Quando as pessoas lhe perguntavam sobre suas viagens, ela contava das comidas, do visual das pessoas, das feiras e dos costumes... Como dizer do que sentia, das coisas que vira e observara com os olhos da alma, com olhos de antropóloga, de psicóloga... De viajante? Ah, grande parte das pessoas que conhecia no sul, era consumista, materialista, ou simplesmente indiferente ao que acontecia fora de suas vistas, ou alheia à notícias de coisas que não fazem parte de seu mundo de coisas eletrônicas, descartáveis, supérfluas!

Sentia-se enriquecida por trabalhar nesses locais, gostava de viajar, claro, mas nunca se considerara uma "turista". Não, nunca o fora... Era e queria ser sempre uma "viajante", assim como foram Livingstone, Marco Polo, Júlio Verne! Ou então era uma eterna andarilha. Gostava de conhecer os costumes, fazia questão de conhecer a vida de camareiras de hotéis, dos coronéis das usinas, do povão. Interessar-se pelas mulheres, suas idéias e suas vidas, ouvir os homens e conhecer seu trabalho, participar do folclore, das músicas... Conhecera tanta coisa nesse Brasil, que uma emoção muito grande a invadia sempre que parava pra pensar:

- Puxa vida, se as pessoas soubessem o tanto que já vi e vivi se soubessem que aqui, eu não sou a mesma de Ribeirão... Lá eu me sinto tão feia, abandonada, insultada, excluída! Por que será que as coisas acontecem assim? Lá, eu vivo envergonhada,

não tenho assunto... Como contar as histórias que vivo aqui, as coisas que sinto e me comovem e emocionam?

É por isso que é uma solitária, gostava de falar consigo, analisar as coisas e vivenciá-las como elas surgiam. Ela tinha a particular característica de não se admirar com coisas ruins que ficava sabendo, não se surpreendia, mas por outro lado, vibrava com o novo, com coisas novas aprendidas e vistas, e por vezes tinha a incrível capacidade de expressar-se com tamanha alegria ante algo bom já vivido ou visto que dava a impressão de que se maravilhava sempre! O sorriso era-lhe muito fácil e a palavra que mais lhe dava prazer pronunciar era "Obrigada". Olhava nos olhos de garçons, motoristas de taxi e ônibus e dizia sorrindo e em bom tom: "Obrigada". Sentia especial alegria nessa atitude.

Sua vida era como um seriado, não havia nada que tivesse continuidade, uma situação qualquer com começo, meio e fim uma vez que praticamente se resumia em projetos profissionais, ou seja, enquanto estava trabalhando em uma determinada cidade, as coisas aconteciam, com prazo para acabar, e quando, como num filme, a palavra "fim" aparecia, era hora de começar outro episódio... Acordava nas noites em hotéis desconhecidos, sentindo cãibras atrozes que lhe torcia os pés ou as pernas, e sentindo-se desamparada nesses momentos, experimentava uma grande pena de si. Sentava-se nas camas estranhas, e acariciava as próprias mãos, a dizer:

- Calma querida, você não está só, eu estou contigo, eu sou a sua Ana, eu te compreendo, eu sei como se sente, eu te amo e vou te proteger sempre. Ninguém nunca te fará mal, eu não permitirei! - E beijava seus dedos, cada um deles com grande carinho, e adormecia novamente afagando seu próprio rosto.

Tudo em sua vida apenas prenunciara esboço da felicidade que ela queria. Queria alguém especial em sua vida, um homem especial, mas há séculos não queria conhecer um ser. Um ser só encerrava coisas infinitas demais para sua pequena mente. Ela sentia medo, preferia a humanidade que encontrava hoje e amanhã dava adeus. Não precisava amá-la, simplesmente respeitá-la era o suficiente, e depois abandoná-la assim como ela fazia consigo. Mas conhecer a um ser só, implicava

responsabilidade de sentimentos, implicava em mexer com fios invisíveis que estavam lá, quietinhos em seu novelo. Ah, porque de repente ficar ao lado de um ser, compreende abdicar da dor da solidão já tão conhecida, entendida, aceita, e mergulhar num mar de luz desconhecida, prenhe de doidices, mistérios, cotidianos e faces ocultas. Ela tinha medo do "outro ser", pois sabia que ele jamais se revelaria a ela como a humanidade o faz. O outro ser é um universo de muitas faces ocultas, e ela justamente queria mais que tudo essas faces... Que não lhes eram dadas ou permitidas.

Todos a faziam achar que sua vida era maravilhosa, sempre viajando, conhecendo pessoas e lugares, estando sempre em hotéis diferentes, sendo paparicada por pessoas que a viam sempre sozinha, com isso atraindo a maioria dos seres humanos... Mas, ah! Era puro tédio, as primeiras sensações sempre eram gostosas, novas paisagens, chegar numa cidade tarde da noite, ou mesmo de madrugada, e ver na manhã, o quanto era diferente da última onde vivera. Duas semanas eram o bastante para cansar-se de arrastar as malas debaixo de calor melequento ou frio de rachar na madrugada de trevo a hotel. E a solidão, ah, essa era o máximo, por vezes era muito bom estar sozinha no quarto de hotel, viver as noites em quartos exíguos, e por vezes ser feliz, fazendo teatrinhos com os dedões dos pés e imitando as personagens dos teatros chineses, chegando a miar como elas.

A vida vivia a pregar-lhe peças, como se ela não passasse de um joão-bobo. A sordidez da miséria a assustava, a pobreza ainda tolerava, mas a miséria! Assim gostava de cantar sozinha, e rir-se sozinha da TV, olhar pela janela e ver lá embaixo o mundo dos habitantes da cidade... Se fosse uma cidade de porte médio, vir o movimento bancário, o comércio, se era pequenina, observar os roceiros que vinham nos fins de semana para o *foo*t na praça, ou ainda na segunda feira para efetuar compras nas cooperativas. Sentava-se em restaurantes, fazia seu pedido e nem mesmo olhava ao redor; fazia sua refeição e saía sem às vezes notar se o local estava cheio ou vazio. Por vezes ouvindo os papos das outras mesas, descobria que era uma delícia quando as mulheres sentavam-se à mesa nos restaurantes e falavam de

flores, maquiagem, vestidos... Hoje se comportam como homens, falam de negócios, política, economia, informática... Andava nas ruas cantando ou assoviando baixinho, entretida no seu povoado mundo dos sonhos.

Quando se animava, em fins de semana numa cidade desconhecida, ia a shows e se sentava sozinha, observando amigos se encontrando, namorados se escondendo... Ou, quando possível, ia a rodeios, e postava-se bem próximo aos peões e animais, de onde podia sentir-lhe os cheiros, de capim, de bosta, de mato pisado e suor de luta. Do homem com o animal. Do homem com a vida. Do homem com o sucesso. Do homem com a derrota!

Cada cidade era uma nova descoberta, cada semana novidades a contar a quem quisesse ouvir. Aí estava o problema! Nunca havia ninguém que quisesse ouvi-la, ou melhor, até havia sua família e Babi, mas cansara-se de contar apenas a eles, queria alguém que se interessasse verdadeiramente por suas aventuras e agruras nas terras brasileiras. Queria ter alguém que, inconformado e enciumado, lhe tirasse daquele trabalho, e que carinhosamente dissesse:

- Não querida, quero-a perto de mim, longe dessas peraltices em que você se mete a cada vez que viaja!

Mas quem haveria de dizer-lhe isso? As pessoas que conhecia eram as que mais a incentivavam:

- É isso mesmo, solteira, livre, independente, sem preocupações e responsabilidade, curta mesmo essa vida, você nunca há de se arrepender. E é o que gosta de fazer!

E ela reagia em sua mente:

- Como é que as pessoas sabem que "é o que eu gosto de fazer"? Estranho isso, nunca ninguém me perguntou... E eu me canso de dizer que gosto de viajar, mas alguém jamais me perguntou por que é que eu gosto de viajar! E, aí está o segredo de minhas dores, nunca alguém fez a pergunta certa, porque se o fizessem com certeza eu responderia que gosto de viajar porque na minha cidade ninguém me quer, porque lá não posso chorar sem que riam de mim, me chamem de bêbada, ou de infantil. Eu gosto de viajar, pois então posso sonhar, não preciso conversar

com ninguém, me expor correndo o risco de não ser compreendida, posso ser o que eu quiser: amar e ser amada por quem eu quiser.

Ana era noturna, lunar, velada... Mantinha-se à margem da sociedade que sai e se diverte sem pensar no amanhã. As pessoas vendo-a meditativa pelas ruas, ou ônibus, sequer imaginavam seu coração cheio. Sua calma aparente era uma carapaça que usava valentemente para esconde tantos sonhos! Nunca deixava transparecer o que lia em seu íntimo, alimentava esse orgulho idiota. Mantinha ferrenha reserva sobre sua vida íntima, pois sentia que se as pessoas tivessem o poder, veriam vazar a tristeza que intimamente a invadia, pois era frágil e medrosa, mas ninguém o saberia se ela não o confessasse. Ela era extremamente leal a seus amigos, muito embora não os procurasse, preferindo sofrer sozinha com a morosidade dos acontecimentos ante o voejar do tempo, sentindo que seus dias eram eivados de incertezas, pois como poderia sequer fazer um plano em curto prazo se seus caminhos, nos últimos anos, se haviam tornado ásperos em virtude do nada que se tornara sua vida? Quem poderia assegurar que amanhã seria feliz? Quem poderia assegurar o que quer que fosse nesse mundo? Era normalmente piedosa com relação aos seres humanos, mas sentia endurecer o coração quando se virava para os políticos. Não era capaz de considerar que qualquer um deles nutrisse ou desenvolvesse alguma espécie de sentimento humano de virtude, bondade e justiça e muito menos qualquer senso de caridade para com outro ser humano.

Seu desapego ao dinheiro era de fato um sério problema, pois, mesmo que não o aceitasse como condição de vida, deveria saber lidar com ele e respeitá-lo, o que realmente não acontecia. Era pródiga, mão aberta e descontrolada com os minguados reais que ganhava das horas trabalhadas de madrugada, em cidades estranhas e em meio a dores às vezes. Mas era muito indulgente consigo mesma às vezes, perdoando seus pequenos deslizes e suas raras maldadezinhas como saciar seus desejos impuros, escandalizar seu espírito puritano, com leituras fortes, como se fosse um castigo. Comumente cogitava:

- Se somos mesmo artífices de nosso próprio destino, devo me declarar totalmente incompetente!

Um amigo, suspeito por muito amá-la, escreveu-lhe numa ocasião: "Se tivesse de te comparar a alguma coisa, eu diria que você é um Amazonas errante e corajoso!" Ela rira e retrucara:

- "Ah, se você soubesse que na verdade sou apenas um grãozinho de areia apaixonado por uma estrela..."

Na verdade era uma forte. Não sucumbia facilmente à destruição de suas fantasias ou à irrealização de seus sonhos. Ela superava, sempre encontrava uma fórmula para superar sem se despedaçar, porque possuía a rara capacidade de diminuir o impacto dos sofrimentos. Substituía as decepções por novos ideais, novas esperanças e metas. Seus momentos de depressão duravam no máximo algumas horas, mas bastava uma lembrança feliz, um acontecimento mínimo, para que a amargura se abrandasse e ela sentisse de novo o coração ardente, buscante. No fundo, sua eterna busca não era uma maldição e sim um lenitivo que a contagiava e reforçava seu poder de criar novas expectativas e sonhos.

Acreditava, embora sem muita convicção, em fadas, duendes, bruxas... Tinha forte inclinação para assuntos esotéricos tais como o I'Ching, a metafísica, mas nenhuma resposta relativa a isso jamais havia lhe sido dada em qualquer ocasião. A dinâmica da vida a fascinava, o Tao era algo que vibrava em todo o seu ser. Buscava conseguir o equilíbrio no fluir, na samsara de sua existência, através do Yan e Ying. Buscava no esoterismo e no I'Ching um caminho de aperfeiçoamento. Acreditava em Ovnis com tal ingenuidade e certeza, que aos dezoito anos escrevera um adocicado romance sobre Jet Kan, o Andarilho das Estrelas, onde falava sobre uma vida extraterrena que jurava ser verdade. Todavia as críticas foram severas demais, ferindo sua sensibilidade e temendo o ridículo, desanimou de terminá-lo. Os ritos pagãos atraíam-na, especialmente os de origem celta. Tentava entender através do esoterismo a brevidade da vida a fugacidade da paixão.

Nutria intimamente uma franca admiração por mulheres que eram capazes de morar só, sem necessitar da presença quente

e constante de uma família... Que muitas vezes era a própria fonte de seus problemas e seus tormentos! Sua boa fé por vezes a jogava em má situação. Acalentava sonhos demais, valeria a pena essa espécie de fuga de uma realidade hostil e tediosa? Em meio às pessoas, mesmo as mais simples, era acanhada. Acariciava o projeto de um dia, se conseguisse, fazer uma plantação de ervas medicinais e aromáticas numa montanha donde se podia ver o mundo... Sem participar dele, sem precisar se defender das pessoas, sem fazer parte da multidão. Possuía flagrante predileção pela leitura, dentre todas as formas de lazer.

Assim, viajava, porque somente desse jeito se sentia na busca. Na busca de um endereço no universo. Na busca de alguém que a conhecesse e amasse. Na busca de paz para sua alma. Na busca de Deus. Sim, pois ninguém nunca se preocupara mesmo com o "por quê" de suas viagens. Achavam que ela gostava de passear. Mas Ana não passeava. Ana buscava.

As paisagens descortinavam-se após cada nova curva, cada topo de morro. Entrevia a intervalos uma porteira, um riacho, uma nesga de mata virgem. O maciço azul que se desenhava à distância causava-lhe indefinível nostalgia. Casas sem telhas em montanhas só de samambaias. Montanhas fendidas. Montanhas descascadas. Sentia-se aniquilada ante o despropósito com que o progresso avançava sobre as coisas que mais amava...

.....

Ampliar seus conhecimentos profissionais não fazia parte de seus projetos, mas a consultoria, em especial a área de organização e métodos é muito abrangente! E o cooperativismo era um assunto absorvente que a levava a entender o encanto e apreciar as sutilezas da profissão. No tocante a satisfação pelo trabalho em si, sua única aspiração profissional, limitava-se ao especial prazer em vê-lo corretamente realizado. A árdua tarefa de demonstrar que não queria prejudicar as pessoas, no entanto, esgotava-a... O único trunfo que precisava era apenas a certeza de não cometer injustiça. As horas intermináveis que passava na frente do computador pareciam-lhe perdidas e acreditava que

todos os problemas com computador, advinham do fato de detestar o avanço tecnológico.

Considerava que as cooperativas possuem o poder de estabelecer uma relação de amor e ódio com associados e funcionários, pois o cooperativismo é a forma mais humana e justa de gerenciamento de negócios da atualidade. É como uma família de verdade. Nunca conhecera um funcionário que não a amasse, ou um cooperado que não a odiasse, e vice-versa. Mas ambos, dificilmente viveriam felizes desvinculados de sua família cooperativista!

Pôs-se a pensar no motivo de mais aquela viagem. As coisas começaram a dar errado desde o início. A empresa que contratara o projeto estava em dificuldades financeiras e por esse motivo, não havia enviado técnicos para efetuar o diagnóstico na cooperativa, e agora era preciso colher os dados no escuro. Amava seu trabalho, mas por vezes odiava a forma com que tinha de realizá-lo. Não queria atingir píncaros de glória, seus planos profissionais limitavam-se à sobrevivência, não incluía carreira ou fama, bastava-lhe fazer bem o seu trabalho.

Por um lado era bom que a enviassem assim sem qualquer dado, desse modo ela recebia as informações de forma pura, sem a influência de opiniões de quem quer que fosse, e isso facilitava em muito sua própria análise e diagnóstico. E seus diretores tinham-lhe total confiança, sabiam que se ela emitia um parecer cauteloso, então era melhor tratar o negócio com certa prudência. E ela tinha a capacidade de analisar friamente as situações, sem se mostrar envolvida com as pessoas ou as rotinas, e mesmo que se envolvesse de alguma forma, deixava para martirizar-se e acalmar sua consciência no silêncio e solidão de um quarto de hotel.

Nesse projeto que agora iniciava, a coisa parecia querer complicar-se. A cooperativa que analisara estava em ótimas condições financeiras e econômicas, em se considerando as recentes mudanças pelas quais o país se via preso. Os tempos estavam mudando, a economia ganhava novos rumos com o Real e as tendências do empresariado seguiam novos caminhos, rumo

à descentralização da administração, a distribuição de lucros, a qualidade e a satisfação total do cliente.

Assim, na COO a situação era clara. Após a quebradeira geral havida no ramo, há seis anos, as cooperativas que sobreviveram deviam agora se armar de boa administração e gestão nos negócios como uma empresa privada, e ao administrador competente era dado plenos poderes. Mas cooperativas eram entidades de muitas pessoas, e na maioria pessoas totalmente desinteressadas de atividades administrativas e gerenciamento de negócios, uma vez que era composta de pequenos produtores agropecuarista, se bem que havia também os grandes latifundiários. Aí residia o problema. Era preciso fiscalizar para que esses latifundiários não corrompessem a idéia primeva do cooperativismo: "Direitos e deveres iguais para todos", e "Cada homem um voto". Ela lutava para fazer com que esse conceito fosse respeitado, e trabalhava junto a Comitês Educativos para que se implementasse cada vez mais a verdadeira filosofia cooperativista. E temia que essa filosofia estivesse sendo conspurcada nesta cooperativa.

Permanecera lá durante toda a semana e como sempre fora muito bem recebida, os funcionários, muito embora olhando-a de soslaio, o que normalmente acontecia quando se ouvia o nome "consultor", haviam lhe fornecido informações valiosas o suficiente para elaborar um relatório-bomba. O problema residia no presidente da COO. Ele tentara desviar-se de assuntos delicados, esquivando-se de respostas que ela precisava obter e com um charme todo especial, distorcendo as suspeitas a seu favor ou buscando encaminhá-la para um raciocínio errado. Mas as informações que tivera antes a preparara para enfrentá-lo sem se deixar enganar.

Houvera até mesmo um acontecimento pitoresco. Fora visitar um posto avançado de recepção de grãos. Havia apenas um grupo de homens na balança, e quando ela pedira para ir ao banheiro, o mais moço lhe dissera:

- Num tá é zeladinho! - Ela decodificou rapidamente "Não está limpo".

Mas tudo bem né, fora. Espigas de milho por todos os lados, e no melhor do alívio... Os olhinhos brilhantes de um rato a espiá-la! Fazer o quê? Terminou o xixi e saiu assoviando, olhos fitos nos secadores dos silos graneleiros.

Gostava de ver as expressões das pessoas quando ela partia, antes de enviar-lhe seus relatórios. Invariavelmente, eles se despediam dela com um aperto de mão e um sorriso cativante, como se pensassem: "Lá se vai uma trouxa, uma consultorazinha de merda, conseguimos dobrá-la direitinho" Consideravam-na então uma criatura afável, quase que um tanto songamonga, o que não a impedia de demonstrar respeito para com todos pois não conseguia conceber ou admitir que houvessem pessoas que não o merecessem.

Então ela se esmerava nas análises dos documentos, dos números, dos estatutos, dedicava horas de suas noites a pensar em prós e contras, em legal e ilegal, em regular e irregular, até encontrar um padrão a ser adotado na elaboração dos relatórios, a serem por sua vez analisados pelos departamentos financeiro, jurídico, contábil e outros que o trabalho requeresse.

A parte inicial era sua. Cabia-lhe dar a partida baseada em informações colhidas através de conversas inocentes com funcionários, chefias e todos os escalões da empresa. Após analisados e colocados em papel, eram detidamente auditados e por fim, retornavam às suas mãos para que executasse os pareceres fundamentados em opiniões idôneas de profissionais altamente íntegros e capazes. Elaborados esses relatórios, eram encaminhados à Diretoria e Conselho Fiscal da cooperativa, e a partir daí, podia ou não desenvolver-se um trabalho de consultoria que envolveria todos os departamentos, e exigiria todos os seus conhecimentos e o de muitos colegas de trabalho.

Era exatamente nessa fase que ela se encontrava. As pastas com os dados e as informações altamente confidenciais encontravam-se em sua bolsa tiracolo e parecia queimá-la, e assim seria até que ela pudesse descarregá-los na segurança do escritório, livrando-se de tamanha responsabilidade. Sua cabeça fervia com a complexidade do que soubera na COO. Havia ali muitas coisas erradas e cabia a ela descobri-las a fim de passar

para o escritório, para que eles tivessem um ponto de partida. Não podia ser leviana e nem deixar-se levar pela euforia da descoberta. Deveria pensar, - hoje era sexta-feira, - esperava não ter que se apresentar no escritório no dia seguinte, a fim de poder dar-se um tempo para pensar melhor. De qualquer forma, teria todo um fim de semana para esfriar a cabeça e assim apresentar com garantia e segurança sua opinião na segunda-feira.

Sentia-se muito pequena ante as situações que se apresentavam, como se ela fosse totalmente incapaz de resolvê-las, mas a empresa oferecia-lhe uma boa retaguarda, e as decisões não eram de sua responsabilidade apenas, pelo contrário, era dividida entre toda a equipe. E essa equipe era unida, formada por profissionais capazes e cientes de que estavam tratando com projetos sérios que envolviam pessoas, empregos, propriedades e todas as vidas de muitos cooperados. Era necessário muito bom senso, muito conhecimento da estrutura cooperativista e ao mesmo tempo, entender os meandros da política. Sim, porque uma cooperativa vivia de sua política. Suas diretrizes eram elaboradas de acordo com a similaridade de seus componentes, no caso seus associados. Tudo o que era se realizara representava explicações a serem dadas não a um pequeno grupo de diretores, mas a toda uma assembléia, composta às vezes de mais de duas mil pessoas que queriam tudo saber, tudo compreender, e que podiam exigir provas de tudo o que estava sendo apresentado.

Sentia-se melhor trabalhando sozinha, criando e enfrentando desafios, longe do compromisso de horário marcado e da pressão de ter um chefe a olhar a todo o momento o que fazia ou deixava de fazer. Gostava quando alguém lhe apresentava um objetivo sem saber como realizá-lo. Então as idéias vinham-lhe, fluíam como água e ela podia dar-lhes forma, trabalhá-las e apresentar ao final exatamente aquilo que a pessoa imaginara. Assim, o trabalho repetitivo e constante era-lhe completamente avesso, julgando que sentar-se em meio a pessoas e digitar planilhas ou outra papelada qualquer, era pura perda de tempo, inutilização de talento e tempo hábil necessário na execução de outras atividades mais construtivas. Por isso sentia-

se privilegiada por sempre conseguir trabalhos que lhe exigiam total funcionamento de sua capacidade de criação, organização e metodologia. Gostava particularmente de formular elementos que facilitassem a vida dos profissionais e ao mesmo tempo lhe permitissem desenvolver trabalhos mais simples e práticos com segurança e confiabilidade.

Ana era essencialmente honesta, e, fato raro em se tratando do país e da época, a maioria das pessoas com quem convivia também o era. Às vezes brincava:

- Nunca vou ter nem o gostinho de viver uma trama eletrizante! Tudo ao meu lado é tão politicamente correto que perde a graça, não dá nem mesmo para escrever um romance...

Olhou sonada para seus companheiros de viagem, e deparou com a mulher que se sentara do lado oposto, suas pernas estavam enfaixadas na altura das canelas e seu rosto denotava sofrimento físico, mas seu olhar, ô Deus... Era um olhar não de resignação, mas de paz. A paz da pobreza, da idade, do trabalho cumprido... Poderia puxar prosa com a mulher, mas preferiu aquietar-se no seu canto para evitar que então o papo se alongasse, e uma das coisas que Ana mais abominava eram papos longos. Adorava ficar em silêncio, observando, assimilando, ouvindo aqui e ali fragmentos de vidas, do cotidiano das pessoas que ganhavam com ela as estradas da vida.

Foi então que "ele" surgiu novamente. Em meio do nada, do cansaço, das lembranças, da vontade de urinar, das dores... Foi como um raio de luz, o que fez que, como sempre, seu coração batesse descompassadamente, um apertasse a garganta e os olhos ficassem rasos de lágrimas. Esse era um fato que às vezes cismava de contar às pessoas e elas jamais entendiam. "Ele" estava na sua vida há cinco anos, e a cada vez que surgia, causava-lhe sensações que na vida cotidiana não seriam possíveis. Era uma emoção tão forte, tão... real. Muitas vezes ela pensara que ele fosse um fantasma, mas as sensações eram de coisas sólidas existindo em volta dele. "Ele" fazia desaparecer todo seu mundo tocável, visível e mutável. Fazia com que sentisse uma nova dimensão, que embora desconhecida, "ele" habitava.

Lembra-se de como tudo começou, a primeira vez que teve consciência dele.

CAPÍTULO II

A BUSCA

"Ah, ninguém sabe a felicidade que consiste,
em amar, assim como eu, um ser que não existe!"
- Nietzche

Ewan era a sua busca nessa existência.

Talvez ela o encontrasse. Talvez não. Fosse como fosse, ela o amava. E se essa vida passasse sem que ela o encontrasse, com certeza, continuaria buscando-o pela eternidade afora, mas enquanto isso ele era toda a sua razão de viver, buscar, ir sempre em frente... ter fé. Era como aquela frase de um filme: "Antes que eu o encontre, amo a promessa de sua existência." [1]

A data era 05 de dezembro de 1991, o local, uma usina de açúcar e álcool no interior de São Paulo, a hora, ah, era aquela hora morta de logo após o almoço, quando o sono bate como uma espuma quente no corpo da gente e dá aquela indolência que até dói. E na frente do computador numa sala quieta, onde se ouve apenas o zumbido do ar condicionado. Então... Lembra-se de haver sentido aquela dormência de sono, e os olhos pesavam,

[1] . Uma Questão de Honra

digitava naquele programa chatíssimo, o então *Flow Charter*... De repente:

"De repente tudo era luz, uma tarde ensolarada, num quintal de terra, onde se avistava uma moita de primaveras cor maravilha, um tufo de losna, e uma escadinha. Ouviu até mesmo os pássaros trinando no pomar. O ar estava impregnado do cheiro de bosta de vaca. Ouviu o som e viu a caminhonete vermelha chegando no quintal, um homem correu a seu encontro e falou com o motorista, este fez uma cara de aborrecimento, respondeu com algumas frases frias e desceu do veículo. Percebeu que ele era alto, magro, usava uma calça jeans velha, uma botina marrom, uma camisa amarela suja de terra, com as mangas arregaçadas, e usava chapéu, que nesse momento empurrou para o alto da cabeça. Como que fascinada ela viu-o passar a mão pela testa, que ficou marcada com o sinal dos dedos sujos , causado pelo suor e poeira. Notou que seu rosto era bonito, daquela beleza roceira e trigueira beirando os 40 anos, queimado de sol, tinha cabelos castanhos claros e os olhos estavam apertados por causa da luminosidade do sol, seus traços eram duros, mas denotavam uma bondade que naquele momento se exprimia em exasperação. Sentiu que ele era duro, mas justo. Ele subiu os degraus de dois em dois, roçando com força a botina no tufo de losna, e o ar se impregnou do cheiro ... Então, a visão já era outra. Ele pegava uma caneca de ágata com um líquido quente, que ela reconheceu como café, e sentara-se esparramado numa cadeira na cozinha, escura se considerando o sol lá fora. Ele bebeu o líquido..."

Ela arrepiara-se e piscara. Na tela do seu computador havia quase três linhas de nnnnnnnnnnnnnnn. Assustada, piscara várias vezes. O que acontecera? Olhara para os lados, haviam se passado apenas alguns segundos, o suficiente para que ela visse toda uma cena. Intrigada ficara a se perguntar onde acontecera aquilo, por que vira aqueles momentos?

À noite no hotel não parara de pensar.

- "Onde já vira aquela caminhonete?"

A imagem daquele homem não saía de sua cabeça, pensava tanto que incomodava. Dormira e acordara assustada, lembrando-se:

- "Já sei - Certa vez estava com suas primas contando histórias sentadas em suas camas, quando de repente, "ouvira" uma caminhonete vinda... onde? Fechara os olhos na ocasião, e "vira" a mesma caminhonete numa estrada poeirenta em meio a

uma extensa plantação de cana e arroz... e nunca soubera por que a vira, onde estaria e se era real."

E enquanto pensava, imaginou como ele podia ser: Vira a foto de um mineiro em greve na Rússia e dissera: "Ele tem esses braços, ele transmite essa força e essa determinação. Vou chamá-lo EWAN, pois ele se parece com um homem das montanhas escuras e frias da Escócia que amo tanto, sem jamais ter visto! E haverei de descobrir quem é ele". E ele foi desde então, Ewan.

- O meu Ewan, o homem da visão.

Um dia o encontraria, pois seu destino estava nas mãos e coração daquele homem. Sabia que ele era belo, bom, forte e íntegro. Possuía tanta força de alma que ela o seguiria. Era belo porque seu rosto tinha as rugas da labuta, a cor que o sol deixa como sinal de trabalho. Era bom, pois seu caráter o levava a pensar num mundo melhor para todos. Era rico, pois tinha o céu, a lua, o sol, os rios e os lagos que habitava, mas não era ostensivo. Era forte, pois vencia todas as agruras da vida dia após dia e por isso seria capaz de vergá-la com seu amor - o que não era novidade alguma, pois como sempre dizia "Eu me vendo por um sorriso", bastava alguém lhe sorrir para que ela o amasse. Era íntegro, pois nada o tornava traidor de suas convicções, suas opiniões e seus ideais. E era um homem doce e calmo na intimidade, filósofo na vida e ciente de suas limitações, das limitações humanas. Era um homem extremamente simples, nada no mundo lhe era estranho ou um misterioso, pois sua alma era límpida e crédula, seu caráter forte o bastante para aceitar tudo sem complicar, sem se envolver e sofrer. E Ana precisava tanto de alguém como ele...

Ela o encontraria e daria conta dessa procura. Tinha certeza que ele existia, em algum lugar, algum tempo, em alguma dimensão. E por isso ela sabia que ia encontrá-lo. Por ser do tipo de gente simples, sem palavras bonitas, sem dom de oratória, era de sombras e solidão, só entendia das coisas que aconteciam no nível do sonho e da imaginação. Juntara ao longo da vida, muitas vezes os cacos do seu coração, mas compreendia muito pouco do mundo físico, de carinhos, afagos, toques de mãos. Nunca tivera oportunidade ou tempo de compartilhar dia a dia, dores e

sofrimentos, alegrias e venturas. Seus caminhos sempre foram solitários, livres, sem tempo, lugar ou companhia. Talvez por isso ela não conseguisse se fazer entender por outro ser. Tinha profundezas demais que não sabem a luz. Tinha entendimentos demais a âmbito universal.

- Homem prá quê? Prá arrumar confusão prá minha cabeça?

Mas ainda assim estava sempre alerta para qualquer evento agropecuário, acompanhava o calendário de feiras. Não lhe ocorreu que esse expediente pudesse ser inútil. A força de seu sonho fizera-a crer que se encontrava totalmente burilada para enfim merecer a felicidade. Era uma positivista incorrigível e acreditava, a cada nova manhã que iria encontrá-lo naquele dia mesmo. Não existia qualquer resposta ou explicação na esfera humana para essa certeza. Sabia que precisava de algo, uma emoção qualquer para dar relevo à vida. Não, ninguém conhecia a densidade, a grandeza e a força de um amor assim... Procurava em todas as listas telefônicas de MG o nome Ewan, e ao mesmo tempo em que se sentia ridícula agindo assim, ao menos sabia estar acalmando as necessidades de seu coração. Alojar em seu coração aquele sentimento fora tudo o que fizera naqueles anos estéreis e vazios.

O tempo passou, um ano talvez? E andando pela rua, sentira o cheiro de losna, olhara para os lados e não vira essa planta, mas ao olhar para os próprios pés, ela "viu" como se estivesse acontecendo ao seu lado:

"Era uma montanha, chovia muito, e havia um cheiro gostoso de café no ar. Ouviu os passos do homem, e ele entrou. Sua risada era como uma canção, gostosa de ouvir e alegrava o coração". Ela sabia que era "ele", mas dessa vez não viu seu rosto. Assim como surgiu a visão desapareceu e ela estava de novo caminhando pelas ruas de uma cidade estranha... Mas a imagem do lugar persistia e era como se aquela paisagem tivesse sido gravada um dia em sua retina, pois a cada vez que fechava os olhos, ela vinha com tal clareza que era como um filme, ou tão real que chegava a sentir o cheiro da grama molhada, ou o frio da aragem a molhar-lhe o rosto...

Sua fé na existência dele era comovente. Nada a convencia de que isso poderia acontecer com qualquer mulher solteira de 32 anos... A cada ano, "descobria" coisas de Ewan, de sua personalidade, de seu físico, de seus desejos e seu cotidiano.

Assim soube que ele residia em uma montanha... Sim essa foi sua primeira descoberta, pois o som de suas botas era espaçado, passo de quem está subindo, e ele chegava à cozinha arfando! Tudo isso ela "via", sem esperar. Seu odiado computador, por vezes a ajudava nisso. Enquanto trabalhava, desligada e preocupada com a execução de complicadas fórmulas, sentia de repente o cheiro de losna... Nem precisava parar de digitar ou interromper uma planilha, pois ao lado do teclado, com o rabo dos olhos ela "via" o desenrolar dos acontecimentos. Não se virava para a "visão" e às vezes, conseguia digitar o que estava vendo enquanto "acontecia", como escreveu em seu "Querido Diário" em 22.09.93

"Em dias assim como hoje, nublado, prenunciando grandes chuvas, eu fico melancólica, mas de uma melancolia esquisita... É como se eu evocasse coisas de um tempo que não vivi... Lembranças de algumas coisas que sei nunca aconteceram... Eu na porta de uma casa olhando o céu carregado e preocupada com um homem... Há uma imensidão de terra trabalhada, pronta para plantar à minha frente, eu estou feliz porque vai chover, mas preocupada pois o homem se demora para chegar... Perfume de flores molhadas, azuis, um tanque com pedras úmidas, algo balançando no ar, perto da minha cabeça, um xícara de algo quente.. E um rosto bondoso me sorrindo... Ô Deus... É um rosto suave, gostoso, amigo, seguro... Eu o amo... Ô... Como eu o amo... Ele me lembra um quarto com um pé direito imenso, uma imagem do Sagrado Coração de Jesus, , janela azul, um móvel estreito e longo, de cor escura... E me vejo de cabelos compridos, amarrados com uma fita num rabo de cavalo sentada numa cama... Cheiro de bebê, fraldas e... o sorriso pensativo e emocionado! Caramba gente, é esse o meu Ewan! Eu estou emocionada... Ele me faz sentir coisas que nunca antes senti na toda minha vida, mas eu sei o que é... Ventura, simplicidade, carinho, força, magia, realidade doce como compota, tanta ternura... Nesse momento, 14:18min. desse dia 22 de setembro de 1993, início da primavera, aqui na Usina Paraíso, em Tócos, Distrito de Campos, RJ, eu tenho certeza de que Ewan existe. Estou escrevendo no computador, e "vejo" seu braço sobressaindo da manga de uma camisa branca, fina, arregaçada... Percebo o sinal do seu chapéu na testa e nos cabelos... Seus

cabelos são castanhos e brilham na luminosidade opaca e suave de um quarto onde olhamos nosso filho... É como uma oração, tamanha a devoção que essa visão evoca. Sinto que se eu levantar da cadeira nesse momento, sentirei minhas pernas tremerem... Ewan está aqui comigo nessa hora mágica, e eu estou com ele, sinto sua respiração, é como se até conseguisse sentir o bater de seu coração... Vejo sua botina no assoalho, ele está sentado, com as pernas separadas... Como ele sorri!... Seu sorriso está enchendo meu coração de alegria... Eu estou em outra dimensão... Sei que estou na frente de um computador, mas ao mesmo tempo, estou em outra época, outro espaço, outro tempo de minha vida. Passado? Presente? Futuro? Não sei. Toda a certeza que tenho é de que estou com Ewan e seu calor me aquece, seu amor me completa, a própria certeza de sua existência faz com que eu viva cada dia dessa vida amargurada e falsa que é a que eu conheço... Ewan, amor da minha vida... Ewan, meu homem querido... Ewan, minha eternidade... Eu não quero parar de escrever, é como se parando, tudo se enfumaçasse, e eu quero chorar... Ô Deus! Se for necessário morrer para estar com Ewan, leva-me desta vida... Agora... "

E quando a visão se ia, era como se só restasse o vazio. Então ela fumava e chorava! Pela perda de tudo o que mais queria e apenas existia numa dimensão que ela não conseguia alcançar senão por efêmeros segundos. E quase passara a viver desses fugazes momentos... Nessa ocasião, usava os cabelos curtíssimos e louros platinados, e jurara que os deixaria crescer na sua cor natural, pois quando eles estivessem do tamanho que vira na visão, Ewan surgiria.

Certa vez estava passando férias em Formiga, sua terra natal, querida e feia Formiga, mas tão aconchegante e simples, com suas primas tranqüilas e amigas. Foram a uma loja dessas onde vende de tudo, desde agulhas a sela de cavalo, e passando por entre as gôndolas e mancebos de coisas penduradas, encostou a mão em um chapéu de peão... Foi como se uma fenda se abrisse no tempo e no espaço - à sua frente, no seu passado? - e lá estava ele, *"Olhando-a, de um morro alto e sua expressão era a de quem espera, com tranqüilidade, o cheiro de seu cigarro encheu-lhe as narinas e o ar vibrava ao seu redor, como nos filmes. Ele não disse nada, apenas olhava-a com familiaridade, como se ela estivesse indo ao seu encontro e ele simplesmente a esperasse..."*

Mas a realidade era dura, fria, sólida, e tinha de vivê-la... Era o presente que Deus lhe permitia viver, e teria que prestar contas dele um dia! Mesmo assim decidiu que tinha de encontrá-lo, porque ele era o seu amor... O esperado, o procurado e tão ansiado... Em suas viagens procurava os lugares onde imaginava que ele pudesse freqüentar. Lojas veterinárias, supermercado de cooperativas, festas agropecuárias... Dentro de ônibus colava o nariz no vidro das janelinhas e espichava os olhos desvendando casinhas e fazendas em meio a florestas, por detrás de morros e no alto de montanhas, e intimamente chamava por ele, como se fosse possível que subitamente, a sombra que tremulava ante as luzinhas perdidas na escuridão se movesse e ele surgisse em sua caminhonete vermelha tomando-a nos braços. Ironizando sua insensatez e infantilidade, imaginava o que aconteceria se colocasse num jornal um anúncio com algo assim como*: "Procura-se Ewan, que mora numa montanha e me espera. Procura-se Ewan, para não enlouquecer, para não morrer!"*

Ele podia ser qualquer um, mas; jamais um homem de terno e gravata trabalhando em anti-sépticos escritórios com ar condicionado ou aprisionado em infindáveis reuniões cotidianas regadas a números, cotações e uísque, tendo no armário ternos e gravatas. Não, ele não participava de happy hours em bares da moda de cidade grande e nem desfilava em carro importado, olhos cravados no *notebook*, falando no celular de viva voz!

Muitas e muitas vezes "sentia" como se fosse uma luz e dentro dela, paisagens, ora de um pasto iluminado e Ewan arrumando a cerca, ou simplesmente encostado a um mourão, com seu eterno chapéu de feltro marrom, e rugas na testa; outra vez era seu riso que ela ouvia, e sentia-se feliz feito boba... Certa vez, quando a tristeza era muita, e a solidão pesara-lhe após uma das grandes decepções - a que se acostumara mais tarde - deitara-se sentindo falta de Ewan, que há muito tempo não se "manifestava", com pena de si mesma, e enquanto amargava aquela autopiedade, aconteceu:

... Era como se o tempo houvesse parado, não estava no quarto do hotel, seu rosto não se encontrava apoiado no travesseiro de fronha bege, molhado de lágrimas... "Viu" as mãos se estenderem para ela oferecendo-lhe

um ramalhete de variadas espécies de flores recentemente cortadas, amarradas com uma embira molhada! Sentiu uma emoção nunca antes sentida, o cheiro daquelas flores era qualquer coisa de divino, de gracioso; a sensação de umidade era tal que pensara molhar o travesseiro com as gotas que caiam delas; e eram tão delicadas, tão coloridas, tão mimosas, expressavam tantas emoções e sentimentos que não soubera decifrar ou exprimir... E as mãos que as entregavam... Ô... Eram as mãos amadas, e mãos que amam... Mãos doadoras, alegres! Através delas ela sentia toda a bondade, a beleza e a liberdade de Ewan! Estaria louca? Não importava, nada importava! Aquelas flores fizeram seu coração bater forte até doer e deixaram-na carregada de emoção! E o brilho do orvalho que havia em suas folhas, talos e pétalas era como as lágrimas de alegria que todo seu ser derramava naquele momento em que ele lhe dizia: "Voltei!", e ela lhe respondia: "Bem vindo!".

Não sabia como ele era, mas entrevia-o na poeira levantada por uma boiada, no corredor em lusco-fusco de uma casa branca de janelas azuis, na sombra que se debruça para apanhar com as mãos em concha a água de uma mina na refrescante clareira de uma grota, no rosto que se vira contra o sol no mourão de um curral, nas pernas que pendem de um alazão, na imensidão de verde que recorta o horizonte. Não sabia de onde ele viria, mas seria de onde nasce o vento na montanha, de onde as estradas são difíceis e de terra vermelha, de onde a chuva se pendura nas nuvens por dias e dias... E sabia que com ele viria a honra, a ternura, o aprendizado... E o amor. Não sabia sequer como se chamava, podia ser João, José, Severino ou Absalão, isso não importava. Sabia que suas mãos a amparariam, sua voz a acalmaria, seu coração sossegaria o seu coração e a sua alma consolaria a sua alma. E sua bondade tornaria a sua personalidade mais generosa. Ah era preciso encontrá-lo, pois ela, ela lhe daria tudo, o seu amor, o seu entendimento, a sua força e a sua fé. E lutariam juntos nos dias que lhes restavam para viver, e seriam tão felizes quanto podem ser dois seres humanos que vivem nessa Terra. Mas, ela não tinha muito tempo, sabia que já não era uma garota, já não tinha muita força física, e as decepções que já vivera a fizeram acostumar com a resignação daquilo que não podia mudar. Mas sabia que iria encontrar aquele homem, pois sentia que ele a esperava. E como acreditava